



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Âmbitos Essenciais da Filosofia da Libertação

Por: Luis Fernando de Carvalho Sousa³⁶

luisffilo@hotmail.com

Resumo

O presente artigo trata de elementos essenciais para se compreender a Filosofia da Libertação de Enrique Dussel. Todos eles se inserem no que é denominação face-a-face, ou seja, a relação sem mediações, fazendo com que as relações sejam repensadas e vividas por meio de novas propostas de libertação. Dussel é incansável em pensar uma sociedade alternativa ao sistema totalizador capitalista, por isso propõem um sistema filosófico complexo em que muitos elementos dialogam entre si. Para a melhor compreensão de seu pensamento e método faz-se necessária uma abordagem introdutória aos elementos essenciais de sua filosofia. De forma sintética e propedêutica é isso que o artigo busca apresentar.

Palavras-chave: Enrique Dussel; Filosofia da Libertação; Política; Pedagógica; Erótica.

Resumo

Ĉi tiu artikolo traktas pri esencaj elementoj por kompreni la Filozofion de Liberigo de Henriko Dussel. Ĉiuj ĝi estas enmetitaj en kio estas vizaĝa nomado, tio estas, la rilato sen mediaco, kaŭzante reripensadon de la rilatoj kaj vivataj per novaj liberigaj proponoj. Dussel estas senlaca pensi pri alternativa socio al la kapitalisma totalisma sistemo, tial li proponas kompleksan filozofian sistemon, en kiu multaj elementoj dialogas unu kun la alia. Por pli bona kompreno de lia pensmaniero kaj metodo, enkonduka aliro al la esencaj elementoj de lia filozofio estas necesa. En sinteza kaj propedeŭtika maniero, jen la artikolo celas prezenti.

Ŝlosilvortoj: Henriko Dussel; Liberiga Filozofio; Politiko; Pedagogia; Erotiko.

Abstract

This article deals with essential elements to understand the Philosophy of Liberation of Enrique Dussel. All of them are part of what is denomination face-to-face, that is, the relationship without mediations, causing relationships to be rethought and lived

³⁶ Licenciado em história (Centro Universitário de Barra Mansa); bacharel em teologia (Universidade Metodista de São Paulo); mestre em filosofia (Universidade Estadual do Oeste do Paraná).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

through new proposals for liberation. Dussel is relentless in thinking of an alternative society to the capitalist totalizing system, so they propose a complex philosophical system in which many elements dialogue among themselves. For a better understanding of your thinking and method, an introductory approach to the essential elements of your philosophy is necessary. In a synthetic and propaedeutic way, this is what the article seeks to present.

Keywords: Enrique Dussel, Philosophy of Liberation, political, pedagogic and erotic.

Introdução

O objetivo desse artigo é apresentar os âmbitos essenciais da Filosofia da Libertação a partir da proposta de Enrique Dussel, a saber: a política a pedagógica e a erótica, que são alguns dos elementos que facilitam a compreensão do sistema filosófico de Dussel.

A proposta filosófica do filósofo se faz por meio de uma empreitada crítica ao pensamento produzido pelo eixo do Hemisfério Norte sinalizando para as epistemologias do Sul como contrapropostas de interpretação da realidade mundial.

Enrique Dussel desponta como o maior nome da Filosofia da Libertação. Ao longo de mais de quarenta anos dedica sua vida a sistematização e produção dessa corrente filosófica com apelo ético que opta pela vida e sobrevivência dos “mais fracos” na dinâmica mundial. É uma opção pela vida dos pobres negros, indígenas, mulheres e populações que se encontram “fora” do sistema hegemônico capitalista.

Política

A dimensão política no pensamento de Dussel diz respeito à relação irmão-irmão compreendendo o nível de influência vasto nas relações humanas, funcionando, assim, como primeira condicionante das demais relações (pedagógica e erótica) (DUSSEL, 1977a). Nos termos dusselianos, a política constitui-se no “face-a-face” do cidadão (irmão) diante do outro, que pode ser distinto de si mesmo por sua posição social, classe, país, continente, etc. De acordo com Dussel, essa relação “ é tanto o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

governo como o governado, o nível internacional, nacional, de grupos ou classes sociais, de formações sociais e seus modos de produção etc. Com a expressão irmão-irmão, queremos sugerir esta amplíssima extensão conceitual” (DUSSEL, 1977d, p.93).

Para Dussel, a relação política encerra-se sempre dentro de uma totalidade estruturada institucionalmente como formação social, construída historicamente que, em última instância, se erige sob o poder de um Estado constituído, isso desde os sistemas mais remotos aos modernos. A vida política é sistemática e se dá, portanto, como uma totalidade funcional (DUSSEL, 1977d). A questão interpelante e que diz respeito à ética é a seguinte: qual é o papel das classes oprimidas dentro dessa totalidade política?

As classes oprimidas, como oprimidos, são partes disfuncionais da estrutura da totalidade política. São partes que devem realizar trabalhos que os alienam, que os impedem de satisfazer as necessidades que o próprio sistema reproduz neles (DUSSEL, 1977a, p.75).

Quando se tem um sistema que aliena o outro em sua condição de distinto, concebendo a totalidade como o único horizonte possível de existência, estabelece-se um sistema de dominação (política e social) que reduz as possibilidades de ser e agir em relação ao mundo³⁷. O resultado disso é uma política alienadora que não se compromete com a emancipação dos sujeitos históricos e concebe como naturalmente dadas as relações e seus atenuantes no universo político cotidiano. Em suma, trata-se de uma práxis que reforça e consolida a ordem vigente.

A crítica dusseliana em relação à política é subsequentemente crítica ao sistema fechado das relações sem possibilidade de rompimento; ou seja, crítica a não

³⁷ Dussel (2009) trata de termos como fetiche e poder obediencial. Fetiche é quando o poder político é utilizado em função de um grupo ou classe social. Sua proposta é de poder obediencial, isto é, quando quem manda o faz obedecendo. Por isso propõe a libertação política através do reconhecimento da Alteridade e tendo o povo como protagonista.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

possibilidade de romper com a circularidade de o mesmo³⁸ que, pela impossibilidade de mobilidade no espaço em que se insere, encontra-se incólume em relação às mudanças sociais que lhe dizem respeito.

Qual é a possibilidade de rompimento com essa lógica? A ruptura dar-se-á somente quando houver uma política que seja capaz de por fim a circularidade da relação irmão-irmão presente dentro da totalidade. Tal relação deve primar pela justiça e pela ética que reconheça outro como distinto, essa é a proposta de Dussel explorada amplamente na obra *Política de la liberación: arquitectónica* (2009).

Dorilda Grolli (2004) entende que o processo de libertação no que tange a dimensão de ética política na filosofia dusseliana inicia-se sempre pelo processo de diagnóstico da realidade, investigando, com isso, as condições e possibilidades de uma libertação do sistema totalitário vigente. Outrossim, a execução de tal processo passa por quatro momentos distintos: (1) tempo de libertação da opressão, ruptura com a ordem vigente; (2) construção e organização da nova pátria; (3) momento de estabilização e (4) tempo de esplendor e decadência. Grolli sinaliza para a existência de um oprimido no sistema que dará continuidade ao processo de libertação, uma vez que, esse é dinâmico, ou seja, está sempre em construção, constituindo-se, assim, num sistema inconcluso uma vez que “o “outro” é sempre futuro, sempre novidade, nunca contida no estabelecido” (GROLLI, 2004, p.86).

Naquilo que podemos denominar como processo da “dialética-política” Dussel indica o papel do povo como condutor da libertação - por ser este o elemento que se encontra na exterioridade e por esse motivo ser o agente capaz de impulsionar o projeto de libertação visando romper com o sistema de dominação e opressão

O projeto de libertação de um povo, o *bem comum* (que é “o primeiro

³⁸ Dussel toma emprestado da filosofia de Lévinas as premissas ontológicas de Eu, Outro, Mesmo, Totalidade e Exterioridade. Para ele, portanto, o mesmo é a aniquilação do outro; desrepeito a sua alteridade; prescrição de sua morte (DUSSEL, 1977).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

na intenção e o último na realização”, como diziam os clássicos), então, é o manancial histórico que vai forjando em suas lutas os oprimidos enquanto criadores de uma ordem *nova*. (DUSSEL, 1977d, p.130).

De outra sorte estabelece um fundamento ético para que essa ação seja norteada. Para Dussel não se pode agir com sentimento de “revanchismo” reproduzindo a lógica opressor-oprimido. A libertação faz-se no sentido freireano³⁹ (FREIRE, 1978) em que a consciência de ambos (opressor-oprimido) é liberta no processo complementar. Dussel salienta que o preceito ético que deve pautar a ação política é o amor.

A libertação é essencialmente um movimento de **amor** (grifo nosso) ao bem comum do futuro, uma esperança no bem-estar, uma vontade de liberdade, um sentimento de *realidade* (que é exterior ao ser do sistema opressor). Esta utopia meta-física mobiliza a história e lança os oprimidos em direção à sua libertação (DUSSEL, 1977d, p.131).

Essa é a maneira que Dussel pontua os principais elementos de sua ética e, subsequentemente, seu sentido de libertação. Observa-se que a opção pelo outro como exterior ao sistema é preponderante e que a superação da injustiça é premente para que seja efetuada de forma completa a libertação. As propostas do filósofo situam-se no âmbito da práxis de libertação sempre engajada e situada a partir de um *locus* definido: a exterioridade (local da opressão).

Pedagógica

A pedagógica, na filosofia de Enrique Dussel, caracteriza-se pela relação face-a-face de transmissão de conhecimento que envolve as relações: pai-filho, mestre-discípulo, professor-aluno e assim por diante. Tal relação perpassa o que pode ser

³⁹ Paulo Freire propõe em *Pedagogia do oprimido* (1978) que o princípio da pedagogia da libertação do oprimido é romper com a consciência opressora que reside no oprimido, pondo fim a dialética opressor-oprimido vislumbrando com isso uma relação em que os diferentes devem dialogar visando a superação das contradições sociais, sem que haja sentimento de revanche por qualquer uma das partes.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

denominado como horizonte do ensino e transmissão de saber (DUSSEL, 1977a).

Qual é o ponto de partida da pedagógica da libertação? Para Dussel toda a proposta de libertação parte da crítica a algum modelo de dominação. No caso da pedagógica, para se conhecer a proposta pedagógica da libertação, é necessário problematizar a relação pedagógica da chamada totalidade – totalidade pedagógica – para apontar a perspectiva libertária (DUSSEL, 1977b).

A questão que é recorrente nos escritos de Dussel e nos chama especial atenção quando relacionada ao campo pedagógico é a dimensão da totalidade pedagógica em que se inserem as relações sócio-políticas. O intuito do filósofo argentino é mostrar que determinadas estruturas de poder e dominação são construídas e justificadas a partir de discursos sob pressupostos (simbólicos, metafísicos, políticos, éticos) que legitimam seus papéis hegemônicos e opressores em relação ao outro – que não tem sua alteridade reconhecida sendo sempre reduzido ao horizonte de o mesmo. Essa é uma das principais críticas do pensamento dusseliano: a totalidade como padrão universal.

A alienação, no que tange à pedagógica, encontra no viés simbólico sua forma primitiva de opressão. As figuras do pai-mãe-filho (do triângulo edípico freudiano) foram estudadas e aplicadas por Dussel ao campo pedagógico como exemplo de opressão totalizadora, uma vez que essa foi a fórmula que o “pai da psicanálise” utilizou para entender a opressão presente, sobretudo, na sociedade moderna (FREUD, 1996). Dentro dessa dinâmica, a dominação cultural pode ser expressa da seguinte maneira: o pai encena a figura do Estado, a mãe, a cultura, e o filho, fruto dessa relação. Tal prática expressa a violência pedagógica, uma vez que “o pai, como Estado, se opõe à mãe como cultura” numa relação falocrática, gerando uma prática de dominação e opressão, fazendo com que aquele que é produto dessa relação experimente em seu ser a agonia do drama de reconhecer-se como alguém distinto, uma vez que “o filho traz em seu ser a bipolaridade agônica do pai-mãe, violência-



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cultura” (DUSSEL, 1977f, p.155).

Essa exemplificação, a partir do triângulo edípico, é utilizada por nosso filósofo para ilustrar a dinâmica da transmissão do conhecimento em sua pedagógica. O filho⁴⁰, como resultado dessa forma de transmissão do conhecimento, é o outro do casal, “é o filho dos pais de um povo” (DUSSEL, 1977a, p.96). Enquanto outro é a exterioridade cultural, ou seja, está à margem da totalidade, passando a ser reconhecido como sujeito somente quando se integra ao sistema de forma definitiva, isto é, quando absorvido pela totalidade.

As figuras podem ser substituídas ou ter suas funções temporariamente alteradas, mas o símbolo permanece o mesmo, ou seja, a prática de dominação e supressão da alteridade é a forma característica do modelo denominado hegemônico (totalidade pedagógica), constituindo-se assim, num dos grandes entraves para se pensar uma prática libertadora que, realmente, esteja comprometida com uma cultura que seja estranha a totalidade (como a cultura popular, por exemplo) e que vise e emancipação do educando de forma completa.

Há algum vestígio na história que expresse essa relação? Pode-se afirmar positivamente a essa indagação. Quando se pensa o continente latino-americano, observa-se que desde sua colonização houve uma prática de dominação que fez com que o colonizado perdesse sua identidade por não ter sua própria cultura preservada e sua identidade respeitada. Vejamos o que aponta Dussel:

O latino-americano filho de Malinche (a índia que trai sua cultura) e de Cortés (pai da conquista e das virtudes do Estado dependente, porque Cortés não é o Rei), “não quer ser nem índio, nem espanhol. Também não quer descender deles. Nega-os. E não se afirma como mestiço, mas como abstração. É um homem. Torna-se filho do nada

⁴⁰ Filho, na perspectiva de Enrique Dussel, representa o fruto da relação dialética pai-mãe, no que tange à transmissão do conhecimento. No caso da formação dos povos latino-americanos, o pai é representado pelo Estado; a mãe, pela cultura, e o filho, como fruto desse produto. Já no que se refere ao ensino formal escolar, o pai é representado pelo professor, o aluno, como o objeto do saber, e o filho dessa relação, o saber produzido (DUSSEL, 1977a).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

[...].” (DUSSEL, 1977b, p.155-156).

Tal posição reflete a redução do colonizado à categoria de o mesmo do europeu, ou ainda, a negação da cultura popular (autóctone) ou do saber de um povo e a afirmação do modelo imperial europeu como padrão universal. Essa é uma das maneiras que Dussel trata a totalidade: sistemas hegemônicos dominadores que não levam em conta a alteridade. Uma das críticas ao modelo de pedagógico feita por nosso filósofo é referente ao *Emílio*⁴¹ de Rousseau. Para Dussel o modelo defendido pelo filósofo iluminista, foi tomado como paradigma de educação, ou ainda, “o protótipo da educação burguesa revolucionária” (DUSSEL, 1998, p.411). Tal modelo, nada mais representa do que a mentalidade burguesa e eurocêntrica de educação que se impôs, sobretudo, em continentes com a América Latina (e outros, sobretudo do Hemisfério Norte) em que os povos foram tratados como “tábulas rasas”, depositários do saber, objetos da educação, simplesmente receptores, sem que fossem levados em conta sua alteridade e condição de outro, isto é, sua cultura, tradição ou saber popular.

A partir do modelo do *Emílio* as mais diferentes formas do saber foram padronizadas, tendo o paradigma burguês europeu como universal e reduzindo as demais culturas e modos de transmissão do conhecimento a esse eixo (mesmo totalizado). O resultado disso? Os *Emílios* (objetos do modelo de educação burguesa) que tiveram suas culturas; saberes suprimidos e aniquilados pelos padrões imperiais (DUSSEL, 1998).

É importante salientar que a dimensão pedagógica proposta pela Filosofia da Libertação dusseliana não se restringe somente à educação formal, mas insere-se num âmbito maior e mais amplo abarcando todas as dimensões de transmissão do

⁴¹ Em *Emílio ou da Educação*. (1995), Rousseau estabelece um padrão de educação visando a superação do que denomina “educação negativa”. Para ele a educação deveria prepara o ser humano para viver em sociedade a partir de valores éticos (ROUSSEAU, 1995). Para Dussel esse modelo foi utilizado em favor do ideal burguês e serviu de base para a conquista e dominação das colônias europeias ao redor do mundo, estabelecendo o paradigma burguês como universal. Nesse sentido critica o paradigma do *Emílio*, apontando para a *pedagógica* da libertação (DUSSEL, 1977b; 1998).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conhecimento humano, que implicam numa construção de projeto político (DUSSEL, 1977a). Dentro dessa lógica pedagógica descrita por Dussel somente há dois caminhos possíveis e antagônicos. O primeiro relaciona-se com a proposta hegemônica; a favor da cultura imperial de dominação dentro da totalidade dos sistemas sócio-políticos “entendemos por cultura imperial ou de centro aquela que domina na ordem vigente [...] está é a cultura com a qual se pretende medir todo o grau cultural” (DUSSEL, 1977a, p.98). E o segundo: comprometido com as vítimas da totalidade, com os oprimidos que almejam sua libertação.

Dussel opta pelo segundo modelo por ser ele um projeto filosófico de uma libertação que se ancora numa premissa ética que opta pela vida. Vida de quem? Das vítimas do sistema capitalista (ou dos sistemas dominadores: imperiais, totalitários, absorvedores de minorias) que necessitam ter seus valores reconhecidos, sobretudo, valores culturais e de conhecimento empírico no que tange ao processo pedagógico. Por isso a pedagógica da libertação insere-se num contexto de “contra-discurso”, pois trata de uma maneira de pensar e expressar as relações de conhecimento a partir da periferia dos centros de poder, levantando-se contra os sistemas de exclusão e mundialização de um saber que se pretende universal. Em suma é um discurso ético. Numa ética que privilegia a vida. Trata-se “de uma *ética cotidiana*, desde e em favor das *imensas maiorias da humanidade excluídas da globalização*, na <<normalidade>> histórica vigente presente” (DUSSEL, 1998, p.15, tradução nossa).

O movimento hegemônico, imperial, ou totalidade pedagógica quando assumido como padrão universal torna-se perigoso por seu caráter totalizador. Isso pode ser observado quando “instituições burocráticas educativas e de comunicação de massa” (DUSSEL, 1977b, p.181) passam a pautar-se por esse padrão (imposto como universal), não reconhecendo nada além dele como conhecimento válido. As instituições pedagógicas que não se comprometem com a libertação, tornam-se reprodutoras de uma ideologia perigosa que faz com que os valores culturais e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conhecimentos populares sejam diminuídos e compreendidos à luz do que se estabelece como padrão mundial (total, absoluto). Dussel faz a seguinte consideração sobre essa maneira pedagógica. Ela é perigosa por dois motivos: “por ser uma cultura repressora enquanto tal e por significar uma opressão da cultura nacional por parte de outra nação mais poderosa (econômica, política e militarmente falando)” (DUSSEL, 1977b, p.181). Portanto, a pedagogia para exercer, de fato, sua função libertadora, necessita estar de acordo com os valores populares da cultura da população local de onde se insere.

Dussel afirma que assumir a pedagógica tendo como elemento interpelador a cultura popular significa colocar-se a serviço de um projeto “educativo-cultural” de compromisso com a história e os interesses desse próprio povo (DUSSEL, 1997). Isso indubitavelmente leva a adoção de um papel crítico e proativo em relação à condição de exterioridade e de outro do sistema e conseqüentemente da educação que nele se insere.

Quando se busca a operacionalização do projeto Dussel aponta que não se pode reproduzir a mesma lógica divisionista da totalidade. Inicialmente é necessária a crítica do sistema e a “negação da negação” (DUSSEL, 1977b, p. 145), mas não se pode manter a lógica de oposição. O filósofo passa a pensar na perspectiva da complementariedade em que discípulo e mestre interagem mutuamente. O mestre assume o papel de “um sujeito pro-criador, fecundante do processo desde sua exterioridade” (DUSSEL, 1977b, p. 246) e o discípulo por sua vez “con-verge assim para seus condiscípulos, para exterioridade para re-conhecer seus próprios valores (de filho, povo de geração distinta como juventude, de cultura popular própria)” (DUSSEL, 1977b, p.247).

A libertação pedagógica vislumbra a possibilidade de construção de uma nova ordem em que as relações e os espaços de conhecimento vão sendo pouco a pouco moldados e passam a servir aos interesses do povo, dos interesses coletivos da maioria



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

da população. De maneira que, os próprios sistemas de ensino podem ser remodelados para atender as reais necessidades da população e não os interesses imperiais, hegemônicos, totalizadores. A escola, universidade, tecnologia, meios de comunicação passam servir o povo e não manipulá-lo.

Um dos pilares apontados por Dussel é que a relação pedagógica seja constantemente revista ou relocada, sendo assim, a relação mestre-discípulo deixe de ser pai-filho (do triângulo edípico), para se tornar irmão-irmão, ou seja, abre-se precedente para o crescimento e construção mútua do saber e do rompimento com a lógica de dominação. Uma vez que, o processo de libertação pedagógica esteja ancorado na cultura popular representa a libertação da identidade “comunitária do povo” (DUSSEL, 1997, p. 227).

Erótica

A erótica na compreensão dusseliana diz respeito à relação masculino-feminino. Dussel problematiza tal relação apontando para seu caráter totalizador, uma vez que, o ser feminino (foi e) é tratado como o mesmo diante do masculino, não tendo com isso sua alteridade e a condição de outro respeitada. Para isso, propõe a problematização da relação, apontando para uma dimensão alternativa de superação.

Tem-se, a partir dessa construção, uma relação que não respeita a alteridade do feminino, reduzindo-a ao horizonte de o mesmo, sem levar em consideração tanto suas dimensões específicas (biológicas, antropológicas e sociais), quanto as universais (fisiológicas, existenciais e materiais) inerentes a todos os seres humanos. O que não passa, portanto, de um modelo construído na base da dominação e alienação do feminino personificado na figura do outro.

Grolli (2004) destaca que para Dussel a tradição Ocidental estabeleceu uma relação de injustiça do “face-a-face” erótico pois colocou a figura feminina numa relação de opressão frente ao masculino, “viabilizando uma relação de dominação do



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

varão sobre a mulher” (GROLLI, 2004, p.78). Somente com o respeito a alteridade do feminino é que se poderá superar a relação de dominação estabelecida e justificada historicamente.

Dussel pontua que a dominação erótica insere-se dentro de um contexto de exercício de poder sobre o outro. Uma vez que no processo de conquista da América Latina, por exemplo, “o europeu não só dominou o índio, mas também violentou a índia” (DUSSEL, 1977a, p.89). Há, nesse sentido, uma dupla dominação: de submissão do outro e uma dominação fálica, ou seja, dominação do “eu conquisto” e do “ego fálico” Tais relações constituem-se em satisfação do dominador sobre o dominado.

No caso da mulher latino-americana essa dominação aplica-se em diversas dimensões uma vez que é “violada por ser uma cultura e nação oprimida, por ser membro de uma classe dominada, por ser mãe de sexo violentado” (DUSSEL, 1977a, p.90).

A justificativa de dominação tem em Freud seus maiores expoentes. Ao analisar a proposta freudiana, Dussel tece diversas críticas à maneira de se conceber a relação masculino-feminino⁴². Uma vez que na concepção freudiana o masculino compreende o sujeito, a atividade e a posse do falo. O feminino é determinado como objeto de passividade. Nesse sentido a relação masculino-feminino do horizonte da totalidade é estabelecida a partir do “ego fálico”. Qual é o problema disso? A subjugação do feminino. Para Dussel esse sistema faz com que o feminino seja passivo “delimitado enquanto não-eu; não falo [...] À mulher cabe a posição de dominada e reduzida ao não-ser diante da “totalidade masculina”.(DUSSEL, 1977e, p.74).

Passados alguns anos da publicação de *Para uma ética da libertação latino-americana* (obra da década de 1970 em que tratou da erótica de forma ampla) Dussel publicou um artigo em que explicita sua posição sobre as relações homoafetivas. O

42 A partir da erótica dusseliana se pode pensar outras possibilidades de libertação das diversas identidades corporais. Cf.: SOUSA (2018).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

artigo é intitulado *Filosofía de la liberación desde la práxis de los oprimidos* (1993) e busca fazer o que Dussel denomina de “retratações” sobre posições que podem ser interpretadas equivocadamente, como o caso da erótica. Para o autor a afetividade é o ponto de convergência. Uma vez que uma filosofia que se pretende “da libertação” não pode deixar de considerar o: “[...] amor na dis-tinção e a justiça, não pode deixar de estabelecer a possibilidade de um respeito ao Outro ainda em caso da relação erótica do mesmo sexo (homossexualidade na hetero-personalidade)” (DUSSEL, 1993, p. 22 – tradução nossa).

Tem-se com isso a dominação e justificação do domínio do feminino dentro da dinâmica da sociedade patriarcal construída a partir de conceitos como a dominação fálica de Freud, por exemplo. Tal postura sustentáculo da totalidade excludente que não leva em conta a alteridade do feminino e sua condição de outro frente ao sistema.

Por que a libertação erótica se faz necessária? A libertação se faz necessária pela constatação da supremacia e padronização de o mesmo na sociedade moderna sempre representado pelo masculino. Pansarelli salienta que “[...] a configuração atual da sociedade propõe o masculino como *ser* e o feminino como *ente* e *uxoricídio* como negação da alteridade do *outro* e sua condenação ao *mesmo* (PANSARELLI, 2010, p.173). Somente com o rompimento da lógica de dominação do masculino sobre o feminino é que se pode libertar ambos.

Por onde se deve partir a libertação? Do respeito à alteridade e redefinição dos papéis dentro da dinâmica da totalidade. Como Salienta Grolli: “Assim, partindo da necessidade de redefinição dos papéis, consideramos que a ruptura da opressão vai-se processando na medida em que mulher/varão, frente-a-frente vão se descobrindo sua identidade pela distinção de que são portadores” (GROLLI, 2004, p.162). Trata-se, portanto, de uma relação complementar em que ambos os lados contribuem para a libertação e construção de uma relação que privilegie a dinâmica da alteridade.

Dussel assim propõe a libertação no que tange a erótica:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A libertação do *éros* se realiza pela libertação da mulher, o que permitirá ao homem recuperar parte da sensibilidade perdida na ideologia machista. Libertação do antigo patriarcalismo (que já os indoeuropeus e semitas transmitiam milenarmente), libertação da mulher definida desde sempre como castrada, como não-falo. É necessário começar de novo (DUSSEL, 1977a, p. 90).

No caso das demais identidades corporais não se aplica essa “fórmula” da não castração, mas a metodologia é a mesma. Elas devem ser reconhecidas e reivindicar sua libertação a partir de sua alteridade ética, estética ou corporal em relação à totalidade machista estruturante. É necessário sempre destacar que o horizonte de libertação parte da problematização da exclusão e da consciência do lugar do sujeito-vítima no mundo.

Conclusão

Essas categorias estão ligadas a parte da antropologia filosófica de Dussel e se destacam por propor a libertação por meio das relações do face-a-face, ou seja, as relações entre os seres humanos sem mediações. Esses são alguns elementos do sistema filosófico de Dussel. O sistema todo é mais complexo e exige um maior esforço hermenêutico para sua compreensão, entretanto, o artigo pode (e deve) servir como chave de leitura e interpretação de suas principais categorias.

Referências

DUSSEL, E. **Ética de la liberación: en la edad de la globalización y de la exclusión**. Madrid: Editorial Trota, 1998.

_____. **Filosofia da libertação na América Latina**. Loyola: São Paulo, 1977 (a);

_____. **Filosofía de la liberación desde la praxis de los oprimidos**. In: Apel, Ricoeur, Rorty y la filosofía de la liberación: Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 1993.

_____. **Introducción a una filosofía de la liberación latinoamericana**.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Extemporaneos: Mexico, 1977 (b)

_____. **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação.** São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. **Para uma ética da libertação latino-americana I: acesso ao ponto de partida da ética.** Loyola: São Paulo, 1977 (c);

_____. **Para uma ética da libertação latino-americana II: eticidade e moralidade.** Loyola: São Paulo, 1977 (d);

_____. **Para uma ética da libertação latino-americana III: erótica e pedagógica.** Loyola: São Paulo, 1977 (e);

_____. **Para uma ética da libertação latino-americana IV: política.** Loyola: São Paulo, 1977 (f);

_____. **Política de la liberación: arquitectónica.** Madrid: Editorial Trota, 2009.
FREUD, Sigmund. **Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GROLLI, Dorilda. **Alteridade e Feminino.** São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou da Educação.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUSA, Luis Fernando de Carvalho. **Carnalidade e libertação: a dimensão erótica a partir da Filosofia de Libertação de Enrique Dussel.** 2018. Dissertação de mestrado em filosofia. Toledo. Universidade Estadual do Oeste do Paraná.